

> **Carnaubal**

Lucas Coelho Pereira

> **lucascoelhoperreira@gmail.com**

Doutorando em Antropologia Social

Universidade de Brasília

Bolsista CNPq

“Carnaúba é assim: dá em todo em canto”. Andando pelo Delta do Rio Parnaíba é difícil discordar disso. A carnaubeira faz-se presente nas portas e nos quintas das casas, na beira do rio, nas calçadas de prédios públicos, no meio fio de avenidas. Há quem a chame de “árvore da vida”, porque dela tudo se aproveita. Das raízes fazem remédios; com o caule, móveis, cercas, casas. As palhas são bastante apreciadas no artesanato de cestos, redes, tapetes e o que mais a criatividade permitir. Elas fornecem ainda matéria prima para a produção de velas, microchips, cera, cosméticos e produtos lubrificantes. Antes disso, obviamente, suas folhas precisam ser retiradas do alto de suas copas. É sobre este processo que irei narrar através de imagens.

Apesar de amplamente presentes no semi-árido nordestino, é nos carnaubais onde encontramos várias delas. Juntas. Exuberantes! Medindo até 20 metros. Suas palhas são coletadas com o auxílio de uma foice. Na Reserva Extrativista Marinha do Delta do Parnaíba (lugar onde o ensaio foi realizado) a organização para esta atividade ocorre em “turmas”. Grupos de pelo menos quatro homens que – desempenhando diferentes funções – coletam e preparam a folha da carnaúba para serem trituradas em máquinas. Somente assim se obtém o pó com o qual produtos derivados da planta serão confeccionados. Porém, se a máquina realiza uma das principais transformações técnicas (Sautchuk, 2017) implicadas nesta cadeia produtiva, é apenas através do manuseio da folha por mãos humanas que isso se torna possível.

Lelía, Assis e Marcelo – personagens desta narrativa visual – trabalham com as mãos ao lidar com foices, facões e outros ferros. As mãos unem, separam, cortam, carregam, abrem as folhas. O que não significa dizer que todo o corpo não esteja envolvido na constituição dessas habilidades (Ingold, 2002). Acessar as carnaúbas requer caminhadas. Implica conhecimento profundo do próprio território e suas territorialidades (Godoi,

2016; Little, 2002) seu relevo, áreas alagadas, localização dos carnaubais. Saberes gestados a partir do engajamento prático das pessoas com seus ambientes e caminhos de vida (Ingold, 2002, 2015). Quem se aventura neste ofício joga ainda com o calor do sol, pois só depois de espalhadas ao chão para secar poderá ser extraído o pó das folhas. Além da descrição de gestos efetuados na coleta, portanto, o ensaio mostra o conjunto de paisagens, plantas e agentes mais-que-humanos (Tsing, 2019) nela envolvidos. As fotos são da “safra” de 2019.

REFERÊNCIAS

- GODOI, Emilia Pietrafesa. Territorialidade. In: Sansone, L; Furtado, C.A. (orgs.). 2016. Dicionário crítico das ciências sociais dos países de fala oficial portuguesa. Salvador: EDUFBA; ABA Publicações.
- INGOLD, Tim. 2002. The perception of the environment: essays on livelihood, dwelling and skill. London: Routledge.
- INGOLD, Tim. 2015. Estar Vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Petrópolis: EditoraVozes.
- LITTLE, Paul E. 2002. Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade. Brasília, Serie Antropologia, 322, UnB
- SAUTCHUK, Carlos Emanuel (Org.). 2017. Técnica e transformação: perspectivas antropológicas. Rio de Janeiro: ABA Publicações.
- TSING, Anna. 2019. Viver nas Ruínas: paisagens multiespécies no antropoceno. Brasília: IEB Mil Folhas.





Imagem 1 – O trabalho começa antes do nascer do sol. Lélia me mostrava áreas que já estavam sendo trabalhadas por outras turmas. Há um (re)conhecimento tácito a respeito disso e deve-se observar muito bem as porções de carnaubal já “mexidas”. Caminhar também é, de algum modo, planejar a provável da rota de trabalho.

<<<<<<<<

GALERIA > PRÊMIO MARIZA CORRÊA 2020



Imagem 2 - Setembro e outubro são meses com forte ocorrência de ventanias no Delta do Parnaíba. O foiceiro precisa posicionar-se na direção contrária ao vento. Caso contrário as folhas podem lhe atingir ao cair. Um dos principais riscos do ofício.



Imagem 3 – As folhas da carnaúba apresentam diferenças entre si. Aquelas já desenvolvidas e, portanto, abertas são chamadas de “palha”. O pó delas obtido é vendido mais barato – cerca de nove reais o quilo. Quase metade do valor daquele processado a partir “olho” (que são folhas de carnaúba ainda em broto, fechadas, situadas no cume da carnaubeira e consideradas de maior qualidade).



Imagem 4 - Cortar os pedúnculos é função do aparador. Um serviço considerado mais leve, mas nem por isso menos desgastante. Trabalha-se das primeiras horas da manhã até o pôr do sol. Como os personagens dessa narrativa residem na Resex e são parentes e amigos próximos, cada um faz uma breve pausa para o almoço em suas casas.



Imagem 6 – Além de fechar as palhas é função do feixeiro organizá-las em feixes, como o próprio nome da função indica. Somente assim elas poderão ser transportadas. As carnaúbas crescem dispersas e caminha-se muito no carnaubal até chegar onde a turma irá amontoá-las.



Imagem 7 - “Se tivesse um jumento aqui, rapaz, a gente tinha derrubado mais palha”. Sem ajuda animal meus anfitriões carregam as folhas por longas distâncias. Nas costas. Em virtude disso evita-se lidar com carnaúbas muito longe de casa, a não ser que se esteja disposto a agüentar o pique (ou se extenuar de cansaço).

Imagem 8 – A labuta nos carnaubais é uma atividade temporária. Ocorre em meados do verão que, pelas bandas do Delta, compreende os meses de julho a início de dezembro. Com o inverno e o “subir das águas”, as palmeiras pouco a pouco recuperam sua folhagem.

